A IMPORTÂNCIA DE UMA BOA FORMAÇÃO DOCENTE PARA TRABALHAR COM A ROTINA EM SALA DE AULA

LUCÉLIA MARIA BATISTA DA SILVA

Resumo

Este artigo tem como eixo central refletir a respeito da importância de uma Formação Docente e a sua prática em sala de aula, na qual a Rotina Escolar interfere no desenvolvimento da criança de zero a seis anos e também irá abordar diferentes. O tema tratado não deve ser encarado com um simples rol de atividades estáticas, e sim, mais um item do planejamento escolar, afinal, os aspectos de sua organização são tão amplos, que, se bem planejados, levando em conta a ação da criança, subsidiam este grande contexto de aprendizagem: a Rotina Escolar, na qual a Formação Docente interfere diretamente no processo ensino aprendizagem.

Palavras-Chave: Formação Docente; Importância; Rotina Escolar

INTRODUÇÃO

Em algumas escolas, a rotina é determinada pela coordenação pedagógica, previamente, sem levar em conta a realidade de cada sala; em outras é construída pela professora, também previamente, mas já conhecendo a realidade da sala; outras vezes é construída pelos próprios alunos; em algumas ela nem é determinada; e, em outras, é construída coma participação de toda comunidade escolar. Quantas opções! Qual será aquela que melhor se enquadra numa proposta pedagógica de qualidade? Para isso é muito importante que se tenha uma Formação Docente de qualidade, na qual o professor saberá como trabalhar com a Rotina em sala de aula, conseguindo acompanhar as necessidades de seus alunos e tornando o processo ensino aprendizagem significativo.

A rotina escolar é algo merece atenção, pois é ela que norteia e dá segurança necessária para criança que está em processo de desenvolvimento de noções de regras sociais, espaço e tempo. Por isso não deve ser encarada como uma estrutura fixa, sem maleabilidade, com meras repetições de atividades, entediando e retirando o interesse da criança em aprender e consequentemente se desenvolver, ou seja, criar uma rotina dentro da própria rotina escolar.

Esta "rotina da rotina" é um ponto da banalização e da marginalização do tema, o qual desfoca a realidade da criança ativa para a criança estática e condicionada. Como esclarece Madalena Freire (1983, p. 43):

" A rotina é entendida como a expressão do pulsar do coração (com diferentes batidas rítmicas) vivo do grupo. Rotina entendida como cadência sequenciada de atividades diferenciadas, que se desenvolvem num ritmo próprio, em cada grupo".

O Dicionário Etimológico Nova Fronteira define Rotina de Rota, ou seja, caminho, direção, rumo. Já o Dicionário Aurélio a define como: caminho já percorrido e conhecido, em geral trilhado maquinalmente; sequência de atos, usos, observada por força do hábito.

Estas definições nos remetem a algo mecânico, estático, feito apenas por repetição, o que não condiz com a rotina de atividades realizadas no dia a dia escolar, que se dá de maneira estável e não mecânica.

Para Aroeira (1996, p. 135):

"A rotina escolar é uma sequência de atividades que visam a organização do tempo que a criança permanece na escola. Apoia-se na reprodução diária de momentos e nos indícios e sinais que remetem às situações do quotidiano".

A Rotina por ser uma sequência de atividades organizadas e intencionalmente planejadas proporciona às crianças sentimentos de estabilidade, segurança e confiança em si própria e nos profissionais da escola, colaborando assim, para o desenvolvimento de sua autonomia.

Ao vivenciar esta Rotina diariamente a criança se liberta da preocupação com a atividade seguinte, tornando esta previsível, permitindo-lhe aproveitar cada atividade em sua totalidade, de forma segura e autônoma, como enfatiza Zabalza (1998, p. 52): "O quotidiano passa, então, a ser algo previsível, o que tem importantes efeitos sobre a segurança e autonomia".

Entende-se por autonomia a capacidade de construir as suas próprias regras e meios de ação, que sejam flexíveis e possam ser negociados com outras pessoas que sejam eles adultos ou outras crianças. Para que essa construção seja significativa é importante que a o professor tenha uma boa Formação Docente.

ROTINA, TEMPO E ESPAÇO

A rotina preocupa em promover o desenvolvimento integral e a construção da autonomia infantil deve seguir uma abordagem pedagógica que proporcione situações em que a criança possa vivenciar as mais diversas experiências, fazer escolhas, toar decisões, socializar conquistas e descobertas, favorecendo a integração criança – criança e criança – professor.

Além de organizar o cotidiano escolar, a Rotina em suas entre linhas repassa valo-

res da abordagem pedagógica a qual está empregada, como cita Zabalza (1998, p. 52): "É muito importante analisar o conteúdo das rotinas. No fundo, elas costumam ser um fiel reflexo dos valores que regem a ação educativa nesse contexto".

Há ainda uma outra maneira de elaborar a Rotina Escolar, que são os Projetos de Trabalho. Estes nascem a partir do contato inicial do professor com as crianças, seu meio social, cultural, histórico, geográfico, afetivo, do conhecimento dos seus interesses e necessidades e se estrutura para atendê-los. Por ser flexível e imprevisível sua duração não é premeditada, podendo durar um ano ou um mês, dependendo sempre do objetivo a ser alcançado e o desejo e interesse das crianças pelo assunto tratado. A realização de um Projeto depende de várias etapas a serem planejadas e negociadas com as crianças, para que estas tenham com clareza o caminho percorrido entre a sensibilização do problema até o seu desfecho.

O tempo foi inventado para dar ritmo ao cotidiano, assim deve ser organizado de tal forma que favoreça e facilite o desenvolvimento das metas propostas dentro da jornada diária.

O RCNEI (1998) propõe que este tempo deva conter três modalidades de organização, afim de, suprir as intenções educativas contidas no projeto proposto pela unidade de ensino.

São elas:

Atividades permanentes: são atividades que respondem às necessidades básicas de cuidado, aprendizagem e de prazer para as crianças, ou seja, atividades que ocorrem com frequência, como, brincadeira; roda de histórias e de conversas; oficinas de artes; higiene; alimentação; etc.

Sequência de atividades: são atividades planejadas e orientadas que oferecem desafio em diferentes níveis, com o objetivo claro de promover uma aprendizagem específica e definida.

Projetos de trabalho: são conjuntos de atividades que partem de eixos de trabalho, sem uma duração determinada, que visam a exploração total do conteúdo, geralmente com uma produção final clara, objetiva e palpável.

O espaço escolar, atualmente, vem sendo tratado como mais um componente do currículo, afinal, é o ambiente de formação da criança, fator de aprendizagem, onde o professor deve intervir de forma coerente, organizando-o de acordo com os seus objetivos e metodologia educacional, afinal, este espaço planejado passa a ser mais um dos fatores de aprendizagem.

Lina Iglesias, apud Zabalza (1998, p. 37) demonstra dois modos de conceituar espaço, são eles:

- Território: local físico e estruturado caracterizado pelos objetos, materiais pedagógicos e mobiliários.

- Ambiente: não é só o espaço físico mais também as relações interpessoais e afetivas que nele se estabelece.

A partir destes conceitos, a autora, propõe quatro dimensões fundamentais para a organização do ambiente escolar:

- Dimensão física: aspectos materiais e estruturais.

- Dimensão funcional: utilização dos espaços e diferentes funções que estes podem assumir.

- Dimensão temporal: modo de organização do tempo.

- Dimensão relacional: relações que se estabelecem dentro do espaço escolar.

Ainda segundo a autora, este ambiente escolar estruturado de acordo com as dimensões acima relatadas, se organiza segundo quatro aspectos:

- Aspectos que interferem na tomada de decisão do professor – fatores já existentes, que o professor deve levar em conta ao organizar o espaço, como: condições climáticas; recursos ambientais; condições arquitetônicas; elementos estruturais; mobiliários; materiais; modelo pedagógico adotado pela escola; faixa etária a ser trabalhada e suas necessidades e características do local.

- Critérios de organização do espaço – este deve favorecer a escolha, a au-

tonomia, a segurança, o atendimento das necessidades das crianças e suas formações éticas e estéticas. Para essa organização do espaço, Sônia Kramer (1995) propõe que a sala de aula deve ser dividida em: área movimentada – onde as crianças atuam diretamente sobre os objetos, expressando-se de diferentes maneiras; área semi movimentada – onde as crianças vivenciam as artes plásticas e jogos; e área tranquila – onde as crianças desenvolvam seus conhecimentos sobre os fenômenos físicos, naturais e sociais.

- O papel do professor na organização do espaço – o professor é quem traduz concretamente suas intenções educativas e seu método de trabalho, na criação de um ambiente como fator de aprendizagem.

Assim, o espaço deve ser amplo e diversificado, para que as crianças possam se mover com facilidade, proporcionando trabalhos individuais e grupais. Afinal, as crianças emprestam aos ambientes escolares significações que podem lhe causar medo ou curiosidade, irritabilidade ou calma, atividade ou apatia.

Um cenário com intenção de interações e desenvolvimento, promotor de aprendizagens, que estimule os sentidos e movimentos corporais e que se preocupe com a identidade pessoal de cada criança, deve articular adequadamente conteúdos, atividades, horários, espaços e objetos disponíveis. Sem valorizar apenas um ou alguns desses aspectos, para que não haja desdobramentos impróprios no desenvolvimento educacional, sendo todos eles igualmente importantes.

FORMAÇÃO DOCENTE

De acordo com Tardif (2008) muitas das concepções teóricas aportadas na formação de professores podem ter sido concebidas sem relação ao ensino e fora do cerne da ação docente.

Isto pode fazer com que estes conhecimentos não sejam úteis no momento da atuação efetiva na sala de aula. Contudo, ele aponta que, talvez, eliminar a lógica disciplinar não seja o caminho.

Tardif (2008, p. 241) afirma que: "o principal desafio para a formação de professores, nos próximos anos será o de abrir um espaço maior para os conhecimentos práticos dentro do próprio currículo".

Para o autor, os profissionais docentes que atuam em sala de aula, deveriam ter espaço de contribuição nos currículos dos cursos de formação de professores, uma vez que a sua prática revela a produção, a transformação e a mobilização de saberes, teorias e conhecimentos específicos ao exercício da docência.

É importante esclarecer que a teoria e a prática devem caminhar juntas e não serem consideradas uma consequência da outra. Pimentel (2014) salienta que, é necessário que os conhecimentos teóricos tenham sentido e significado para que se possa perceber a relação entre a teoria e as ações cotidianas.

A formação inicial de professores é um momento especial para conhecer a área de atuação do professor e suas especificidades, porém, ser realista e assumir que ela não consegue dar conta de toda a complexidade da profissão é imprescindível.

Segundo Moreira e Candau (2005, p. 23):

É necessário um destaque a necessidade de se pensar uma formação continuada que valorize tanto a prática realizada pelos docentes no cotidiano da escola quanto o conhecimento que provém das pesquisas realizadas na Universidade, de modo a articular teoria e prática na formação e na construção do conhecimento profissional do professor.

Refletir acerca da formação de professores é um processo necessário, principalmente no que tange a formação inicial. A ação docente envolve aspectos objetivos e subjetivos que são formados ao longo do tempo, e até mesmo, com a experiência prática. Desta forma, o contato com a prática desde o início da formação para a docência se faz salutar para que o futuro professor se reconheça na profissão e consiga relacionar os aspectos teóricos aos práticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na perspectiva da formação, é preciso aprender continuamente como ver a realidade, uma vez que é na prática, na troca de saberes, na ousadia da busca que se dá o aprendizado mútuo. Desse modo, é possível que o professor torne-se um agente capaz de gerir o seu próprio fazer, alguém pró-ativo, capaz de criar, relacionar, argumentar e participando no espaço escolar.

Durante esse artigo percebe-se o quanto é importante a Formação Docente, vivenciando a sala de aula e tornando a Rotina parte fundamental no processo ensino aprendizagem.

Percebe-se que há uma cumplicidade entre os teóricos com relação à formação e a profissionalização por serem termos que se dispõem e se complementam na trajetória docente.

A Rotina abrange aspectos maiores e sua organização depende de fatores diferenciados que são interdependentes e indissociáveis, tratados neste artigo em sua concei-

tuação teórica, como: organização de espaço e tempo, relação com o outro e com o meio e desenvolvimento da criança conforme as proposições.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIES, Phillipe. História social da criança e da infância, Rio de Janeiro: editora Livros Técnicos e Científicos, 1981.

AROEIRA, M. L. C. Didática de Pré Escola: vida criança: brincar e aprender, São Paulo: editora FTD, 1996.

BASSEDAS, Eulália; HUGUET, Teresa & SOLÉ, Isabel. Aprender e Ensinar na Educação Infantil, Porto Alegre: editora Artes Médicas,1999.

BRASIL. Declaração dos Direitos das Crianças, São Paulo: editora Ática, 1990.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nª 9394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental.

Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil, Brasília, 1998.

CENAFOR. Quadro de abordagens de Ensino, São Paulo, 1983.

COSTA, G. A. B. Um olhar reflexivo sobre a organização da rotina na creche: um estudo de caso, Mogi das Cruzes, 2003 – Tese de Mestrado.

DE VRIES, Rheta; ZAN, Betty; HILDEBRANDT, Carolyn; EDMIASTON, Rebecca &

SALES, Christina. O currículo construtivista na Educação Infantil – práticas e atividade, Porto Alegre: Artmed, 2004.

MOREIRA, A. F. B.; CANDAU, V. M. Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos. In: Educação como exercício de diversidade. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2005. 476 p. (Coleção Educação para todos; 6).

PIMENTEL, Edna Furukawa. A epistemologia e a formação docente: reflexões preliminares. In: RAMALHO, Betânia Leite; NUNES, Claudio Pinto; CRUSOÉ, Nilma Margarida de Castro (org.). Formação para a docência profissional: saber e práticas pedagógicas. Brasília: Liber Livro, 2014. p. 15-38

TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.